

## **MODESTA PROPOSTA, UMA SÁTIRA SOBRE OS CORPOS DOS POBRES**

### **MODEST PROPOSAL, A SATIRE ON THE BODIES OF THE POOR**

*Cleverton Barros de Lima\**

#### **RESUMO**

*O artigo investiga as figurações estéticas da sátira Modesta Proposta (1729), do escritor Jonathan Swift. A questão central desta sátira sugere uma leitura a respeito dos sentimentos políticos envolvido na condição humana das famílias pobres irlandesas, nas primeiras décadas do século XVIII. Procuro, neste artigo, percorrer as inscrições de uma construção estética que tomou os corpos das crianças pobres numa espécie de política dos corpos. Com efeito, historicizar o texto literário exige compreender os aspectos internos, incluindo as nuances desta narrativa, que marcou sobretudo o pensamento moderno sobre a atuação do império.*

**PALAVRAS-CHAVES:** *Paixão política. Estética. Figurações Literárias. Pobreza.*

#### **ABSTRACT**

*The article investigates the aesthetic figurations of the satire Modesta Proposal (1729) by the writer Jonathan Swift. The central issue of this satire suggests a reading about the political feelings involved in the human condition of poor Irish families in the first decades of the eighteenth century. In this article, I try to go through the inscriptions of an aesthetic construction that took the bodies of poor children, in a kind of body politics. Indeed, to historicize the literary text requires understanding the internal aspects, including the nuances of this narrative, which greatly marked modern thinking about the performance of the empire.*

**KEYWORDS:** *Political Passion. Aesthetics. Literary Figurations. Poverty.*

#### **INTRODUÇÃO**

Jonathan Swift (1667-1745), escritor irlandês do século XVIII, tem espaço imprescindível nos debates pós-coloniais. Inclui-se entre os pioneiros escritores, ao tratar da opressão do império britânico à Irlanda. O enfoque político da sátira de Swift envolve a política inglesa dos monarcas Anne e o Rei George I e Robert Walpole. Havia o interesse do autor em compreender a natureza humana, aspecto

---

\* Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Email: cleverton.lima@gmail.com

delineado em sua obra mais conhecida, *As viagens de Gulliver* (1726), que fundamentou um profícuo debate ao pensamento dos filósofos Thomas Hobbes, John Locke, Bernard Mandeville, Francis Hutcheson e o conde de Shaftesbury (CAREY, 2002). Esses debates esboçaram opções divergentes em relação à natureza humana; aliás, a importância destas questões suscitou, na leitura de Swift, um perfil de humanidade interessada em ampliar relações de sociabilidade, por interesse próprio, instigado por sentimentos morais.

Meu interesse aqui é refletir sobre os fundamentos estéticos e políticos propostos por uma das suas sátiras, publicada em 1729, intitulada *Uma modesta proposta para prevenir que, na Irlanda, as crianças dos pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar benéficas para a República*. Daí recorro à compreensão de uma “política da escrita” do autor Swift, em referência aos interesses do povo pobre irlandês (RANCIÈRE, 2017). Penso, aqui, na questão do interesse deste escritor, ao pautar a compaixão pelos famélicos, em especial, as crianças, como centros de uma narrativa literária que envolve as imposições imperiais dos ingleses aos irlandeses (SAID, 2011, p. 348). O enfoque da análise histórica envolve a questão do perfil de humanidade ante a questão moral da condição humana dos pobres e, em sequência, as paixões políticas vinculadas às figurações de Swift. Compreendo, neste sentido, a importância da literatura em delinear inscrições estéticas que apontam para uma “dimensão afetiva da vida política” em suas práticas dominadas por “paixões coletivas” (ANSART, 2019, p. 7).

O panfleto anônimo *A Modesta Proposta*, publicado em 1729, foi atribuído à pena do escritor irlandês Jonathan Swift (EAGLETON, 2017, p.53). Com efeito, o estilo do autor denotava uma aproximação ao estilo crítico de outros trabalhos conhecido do público leitor, a exemplo de *As viagens de Gulliver*, *Conto do Tonel*, *Cartas de Drapier*. A Inglaterra do início do século XVIII legou-nos os escritos de Swift, que representaram questões importantes da política daquele tempo. Na realidade, o panfleto *Modesta Proposta* tornou-se um texto polêmico, pois objetivava impedir que os filhos dos pobres irlandeses fossem um estorvo para os seus pais ou país; e, assim, o autor procurou torná-los úteis ao povo e à economia da Irlanda.

Historicamente, a narrativa situa-se no problema político da Irlanda, mais especificamente, na questão social do recrudescimento da população pobre e no quanto essa pobreza abjeta os levava a uma marginalidade degradante. A Irlanda vivenciou longos períodos de fome nas primeiras décadas dos anos 1700, pois houve recorrentes crises na produção de alimentos. Em 1728, um ano antes da publicação de *Modesta proposta*, os irlandeses experimentaram problemas sociais, com o aumento do desemprego, escassez dos postos de trabalho e uma crescente multidão pauperizada.

A primeira metade do século XVIII, trouxe inúmeras novidades em relação à situação dos pobres na sociedade inglesa (HUNTER, 1996). Londres tornou-se modelo legislativo quando do lançamento do código criminal, que delimitou uma legislação mais incisiva a delitos dantes consentidos socialmente (MAIA, 2011). O fundamento deste código penal inspirava-se na ideia de propriedade, defendida por John Locke no conhecido *Segundo Tratado de Governo* (1689). Locke inclui uma visão mais ampla de propriedade ao defender que existiria, além dos bens móveis e imóveis, a ideia de propriedade

em termos da própria pessoa: “Embora a Terra e todas as criaturas inferiores sejam comuns a todos os homens, cada um é proprietário de si mesmo; e nenhum homem tem qualquer direito sobre outro homem, salvo sobre si mesmo” (LOCKE, 2014, p. 44). Por certo, a sátira de Swift, aproxima-se desta dimensão da propriedade em termos da própria da vida das pessoas como meio de troca econômica.

Em síntese, o escopo da teoria da lei natural esboçada por John Locke estrutura-se, sobejamente, na associação intrínseca à ideia de propriedade. O autor afiança, nesse sentido, a prerrogativa relacional entre os direitos fundamentais ao estado de natureza, aos quais deveriam ser assegurados os direitos dos bens. Locke inova sua leitura a partir da concepção de que, no estado de natureza, existiria a ideia de propriedade como parte fundamental e legítima. A atenção volta-se à compreensão de como os homens não deveriam sujeitar-se a serem prejudicados em suas posses.

Daí a contraposição de Locke à visão de Thomas Hobbes, que via luta generalizada entre os homens no estado de natureza. Por isso mesmo, argumenta, não haveria aparato que pudesse assegurar a liberdade de acesso à propriedade. Em *O Leviatã* (1651), Hobbes descortina aos leitores os alicerces da sua filosofia moral ao utilizar o método experimental. No contratualismo político de Hobbes não é concebida a ideia de um bem supremo. Existe, na realidade, o entendimento de que a supremacia estaria instituída na morte. Estas duas perspectivas sinalizam a compreensão do Estado natural, que comporta três momentos centrais: primeiro, as especificidades do estado de natureza; segundo, o acordo ou pacto; e, em terceiro, “o estado civil, o soberano” (HOBBS, 2008).

Por certo, Jonhatan Swift, ao publicar seu panfleto, tinha à sua disposição esse debate sobre propriedade e, em especial, leituras sobre a filosofia moral britânica (BUTLER, 1996). Existe, na *Modesta Proposta*, uma concepção dos corpos das crianças pobres como uma propriedade passível de utilização econômica e comercial. Neste sentido, o irlandês aproxima-se das ideias de Locke, ao perceber a concepção de propriedade vinculada também aos corpos, e, também, do contratualismo de Hobbes, na compreensão da potência da morte como parte essencial das relações entre os homens em sociedade.

## SÁTIRA E POLÍTICA

O gênero literário da sátira, empregado por Jonathan Swift, denota uma construção alinhada à perspectiva moral. Ao tratar da *Modesta Proposta*, Ítalo Calvino circunscreveu que “a sátira tem um componente de moralismo e um componente de zombaria” (CALVINO, 2009, p. 112). Segundo Calvino, existe, neste gênero, uma relação intrínseca entre “atração e repulsão que anima qualquer satírico verdadeiro com relação ao objeto de sua sátira” (CALVINO, 2009, p. 112). Não seria possível aproximar-se deste gênero literário sem refletir numa acepção de trágica de mundo, pois pauta-se na potência das paixões políticas vinculadas a uma fúria derrisória. Por isso, ao satirizar a condição dos pobres, Swift apropria-se de uma estratégia discursiva eivada de sentimentos e afetos políticos.

Jonathan Swift tornou-se autor consagrado pelos leitores e críticos literários, principalmente pela publicação de *Gulliver's Travels* (1726), que nunca deixou de ser lido na Irlanda desde a sua primeira edição

o que tornou o autor irlandês símbolo do seu país. É importante, neste sentido, pensar que Swift escreveu inúmeros textos em diversos gêneros, em especial no período em que se dedicou ao serviço religioso na Igreja Protestante da Irlanda, quando ocupou o cargo de Reitor da Catedral de São Patrício, em Dublin (ROSS, 2016).

Em 1689, Swift abandonou a terra natal, pressionado pelos eventos históricos da guerra entre o rei católico James II e o rei protestante Guilherme III, o Príncipe de Orange, predileto do Parlamento britânico. As convulsões políticas na Inglaterra pressionaram a saída de muitos protestantes da Irlanda. Naquele contexto, havia uma apreensão de protestantes irlandeses quanto às represálias de católicos.

Swift publicou, em 1720, *A proposal of The Universal use of Irish*, a primeira obra política de envergadura da Irlanda. Neste texto, o autor refletiu sobre o mercado de tecidos importados para a Inglaterra pela Companhia da Índias Orientais e delimitou, com rigor, uma posição feroz frente aos comerciantes textéis ingleses. Ou seja, neste texto encontra-se uma arma anticolonial, pois a posposta central recaiu no boicote ao tecido e a outras manufaturas que afetavam negativamente os tecelões da Irlanda. O texto apontava, ainda, para a defesa de um modelo de mercado editorial (MOORE, 2010, p. 26). A questão central era o uso da metáfora como instrumento retórico.

Os leitores compreenderam que, nesta obra, havia um sinal duplo que apontava tanto para o comércio de tecido como, também, para o mercado de livros. Isto é, havia uma límpida crítica ao uso de produtos que representavam o domínio imperial britânico. As sátiras tornaram Swift uma figura chave da literatura irlandesa. As figurações destas sátiras tratavam do comércio colonial de manufatura de livros e de tecidos como expressão consciente e declarada contra o imperialismo inglês. Havia, portanto, um entendimento das perdas da Irlanda frente aos interesses dos comerciantes ingleses. Neste contexto, veio a lume a publicação da sátira *Uma modesta proposta*, em 1729, exatamente na década em que os panfletos tornaram-se um meio de consagração entre os leitores na Inglaterra.

A intervenção deste escritor fundamentou-se na publicação de textos panfletários. Edward Said, ao tratar deste aspecto da trajetória de Jonathan Swift, sugere a peculiaridade do uso destes escritos na construção de sua imagem pública:

Swift foi certamente o panfletário mais devastador de seu tempo e, durante a sua campanha contra o duque de Marlborough em 1713 e 1714, foi capaz de pôr em circulação 15 mil exemplares do seu panfleto “A conduta dos aliados” em alguns dias. Isso derrubou o duque de sua posição eminente, mas ainda assim não mudou a impressão pessimista de Swift (que data da época de Conto do Tonel, 1694) de que seus escritos eram basicamente temporários, bons apenas para o curto tempo em que circulavam nas ruas. Ele tinha em mente, claro, a briga em andamento entre os antigos e os modernos, na qual escritores veneráveis como Homero e Horácio tinham a vantagem da grande longevidade, até permanência, sobre figuras modernas como Dryden, em virtude de sua era e da autenticidade de suas visões (SAID, 2004, p. 177).

O uso de panfletos foi fundamental para a construção da imagem combativa de Swift. Ainda se tratava de um contexto especial de imposição imperial dos ingleses frente à condição de empobrecimento dos irlandeses e, por certo, tratava-se de uma proposta de resolução da condição de pauperização das famílias que perambulavam na Dublin do início do século XVIII.

Christopher Hill, ao refletir sobre o deão Swift, apontou como o “mais severo crítico do nosso mundo em que reinava o dinheiro, autor cuja “visão excremental” se voltava para uma idade de ouro passada, quando o outro e a repressão eram ambos ainda desconhecidos” (HILL, 1987, p. 366). Por certo, ao tratar daquela sociedade em desagregação social, Swift acreditava, peremptoriamente, que parte dos males da sociedade irlandesa devia-se aos impactos econômicos de uma classe de comerciantes ingleses. Na realidade, o mundo que Swift criticava pautava-se pelo racionalismo:

Essa sociedade, que à primeira vista parecia tão racional, tão despreocupada, talvez pudesse ter sido mais saudável se não fosse tão rígida, se não tivesse escondido todas as suas contradições: ocultadas à primeira vista, à consciência. A ética protestante dominou tanto as atitudes morais das classes médias, a filosofia mecanicista dominou tão completamente o pensamento científico, que nem foi preciso renovar a lei de censura ao expirar ela em 1695 – não devido a um possível triunfo dos princípios libertários dos radicais, mas simplesmente porque a censura já não era necessária. Iguais a Newton nesse ponto, os formadores de opinião dessa sociedade se autocensuravam. Nada era impresso que pudesse assustar os proprietários (HILL, 1987, p. 366).

A constituição do “mundo de ponta cabeça”, na acepção de Hill, estava vinculado ao que se passava na clandestinidade dos impressos insuspeitos. Por isso, este historiador britânico salientou a importância de alguns poetas românticos, pois no contexto do mercado editorial geral, dominava a autocensura. Os panfletos de Swift dialogam com esse cenário de autocensura, que configurou o tempo da racionalidade dos pensadores modernos entre os ingleses.

## **POBREZA MELANCÓLICA**

Existe uma longa tradição na literatura por figurações de personagens pobres e pelo universo dos miseráveis. A origem desta interesse é apreendida, em inúmeros escritores, como complexa e de múltiplas interpretações. Propõe Bronislaw Geremek (1995, p. 7): “Em épocas diferentes muda a função principal da imagem do pobre, altera-se a ordem dos valores em que ele está inscrito, modifica-se a avaliação ética e estética dessa personagem”. O personagem pobre atrai sentimentos de desprezo ou admiração, podendo “ser sinônimo de sublime ou de baixeza, provocar compaixão ou escárnio” (GEREMEK, 1995, p. 7). Por certo, as figurações de personagens pobres são figuras ilustres no constructo das denominadas culturas populares. Swift adentra esse universo literário constituindo um olhar escrutinador das relações nas quais estão envolvidas suas personagens.

O panfleto *Modesta proposta* assume um caráter de roteiro do viajante, pois trata das portas de entrada da cidade e do campo, nas quais os traseuntes são impactados por uma multidão de pauperizados. Aliás, neste panfleto, a cidade e o campo são acessos ao contexto de exclusão e marginalidade, pois os inúmeros pedintes se agrupam numa espécie de fantasmagoria do capitalismo imperial inglês (WILLIAMS, 2011, p. 11). Existe, além disso, uma veiculação da estética de terror, em que o capitalismo submetia os irlandeses a uma deterioração moral e abjeta de pobreza e exclusão. Isto posto, o narrador definiu que a cena das mães e crianças pedintes vinculam-se a um sentimento de melancolia dos visitantes

em viagem, ao serem expostos à condição de uma pobreza abjeta, que reduzia mulheres e crianças ao contexto econômico de esmolas e degradação social.

O gesto destas palavras são cruciais, uma vez que Jonhantan Swift reitera e salienta o sentimento da melancolia num viés político. Jean Starobinski, ao tratar da melancolia até o século XVIII, percebeu nela uma patologia mental que estava associada ao “humor corrompido” (STAROBINSKI, 2016, p. 16). Swift emprega o termo num sentido de manifestação do mal infligido pela tristeza e pelo receio, veiculados pelas imagens estéticas de um determinado horror atroz da condição de pobreza. Esta delimitação da melancolia, enquanto mecanismo de um sintoma de sofrimento, é um elemento retórico do tratamento das condições sociais da exclusão colonialista.

Na formação do olhar de um cristão reformado havia, nesta leitura, inscrições ao debate a respeito da melancolia. A visibilidade da “multidão de pedintes do sexo feminino” seguida por sua prole, na cidade e no campo, motiva, segundo o narrador, a melancolia insuflada aos transeuntes frente ao espetáculo. De tal modo, a melancolia é utilizada como recurso visivelmente vinculado à compaixão, mas, também, à utilização que reverbera o contraste de sentimentos tratados no panfleto (HERSNT, 2020, p. 466).

Segundo Maria Stella Bresciani (2012), existe uma tradição inglesa do período elizabetano, no século XVI, que concedeu “à Inglaterra a reputação de ser um país no qual a compaixão se tornara uma política pública” (BRESCIANI, 2012, p. 124). Houve um prolongamento desta tradição, sendo o Estado visto como fiador das denominadas *Poor Laws*, justificando, assim, um olhar moral das análises dos dados veiculados à economia tangível dos empregados, desempregados, do nível dos salários etc. A questão está situada na tradição de tratar a pobreza anterior ao período da industrialização inglesa (BRESCIANI, 2004).

Claudine Haroche definiu os elementos de uma política da compaixão no século XVIII, que estava sujeita à sociabilidade e “está na origem de toda interrogação sobre a compaixão” (HAROCHE, 1998, p. 144). A sociabilidade orientava os interesses nas denominadas “virtudes sociais”, que idealizavam representações de uma humanidade e questionavam a natureza humana:

O homem de letras – célebre ou obscuro –, o moralista, o político, o educador, o legislador, todos tesmunham um interesse marcante pelas sensibilidades e pelos deveres de cada um: edificar os homens, moralizá-los, governá-los, instruí-los; levá-los a desejar as leis, aceitá-las, submeter-se a elas, significará doravante insuflar emoções e incitar a sentimentos; e, ainda mais, despertar certas disposições psicológicas, encorajar certas formas de sensibilidade, suscitar e cultivar sentimentos com fins políticos. Entre eles, a compaixão conhece, no século XVIII, uma importância crucial (HAROCHE, 1998, p. 145).

É preciso, ainda, ler *Modesta proposta* numa tradição literária em que os pobres são figurados numa perspectiva dos observadores sociais (WOOD, 2012). Não por acaso, Swift sugere que as mães desempregadas são protagonistas da desagregação social de seus filhos empobrecidos. O panfleto recorre às dificuldades e empecilhos colocados para que essas mulheres pudessem viver de forma honesta naquela sociedade. Seus filhos ficam sem proteção social e descaminham-se na ladroagem, na imigração

forçada em busca de trabalho, inclusive em exércitos estrangeiros. Como resultado, o narrador inclui os partidos políticos, que são chamados à atenção para apresentar uma solução para a questão social na República Irlandesa. Um dos aspectos eminentemente político desta proposta inclui a responsabilidade dos parlamentares de encontrar uma solução viável ao desamparo das mães e de seus filhos.

Como salvar a nação, frente à condição deplorável destas crianças desafortunadas? Por certo, esta é a questão chave do panfleto de Swift, árduo crítico das condições de subjugação da Irlanda, no prelúdio do século XVIII. Os ingleses dominavam a Irlanda, em especial após o Ato de União de 1707, que evidenciava o poderio hegemônico inglês naquela sociedade sobre a qual Swift escrevia obstinadamente quando a tradição literária da sátiras inglesas eram publicadas na época de George I, nas décadas de 1720 e 1730, período posterior à Revolução Inglesa (STONE, 2000).

O drama dos probres na Irlanda são, na ótica de Swift, resultado das políticas colonialistas dos ingleses. O narrador, na *Modesta Proposta*, assume a imagem do postulante a reformador social. É notável, no tratamento de questões sociais, satirizar aqueles que propoem soluções simples às questões estruturais da Irlanda. Não se tratava, simplesmente, de sugerir que as crianças se tornassem pedintes profissionais e que, assim, buscassem uma vida à mercê da caridade dos que passavam nas ruas da cidade e do campo. A rigor, a questão perpassava a descrença nos inúmeros projetos sociais, que o narrador estudará nos últimos anos.

*Modesta Proposta* ironiza a situação da multidão de mulheres pauperizadas e suas crianças perambulando pelas ruas da Irlanda. Estas crianças são brutalizadas pela ausência de recursos mínimos para uma sobrevivência digna. Por isso são submetidas ao banditismo ou embarcam em lutas imperialistas. O narrador, diante das questões ilustradas, apresenta algumas propostas que possam resultar na redução do sofrimento das crianças e em benefício da República. Ele calcula os recursos necessários a serem utilizados na alimentação da multidão empobrecida. A proposta também evitaria o incômodo dos inúmeros abortos de filhos bastardos, bem como, dos crimes cometidos pelas mães embrutecidas pela situação de penúria e sofrimento. Swift observa que parte das crianças eram sacrificadas, muito mais como estratégia de contenção de despesas do que pela eminente vergonha pública.

Como um observador, o narrador levanta os dados do recenseamento para estimar o número de crianças em torno de um milhão e meio, enquanto deveria haver duzentos mil casais férteis. Numa brincadeira com os números, o narrador chega ao mérito da proposta: “cento e vinte mil filhos de pais pobres a nascer por ano” (SWIFT, 2004, p. 2). Nenhum dos métodos de acesso aos meios de trabalho, na concepção dele, resolveria o problema do número de crianças pobres, pois não teria espaço nem nas fábricas nem no campo. Ele avalia a situação:

Também não contruímos casas (quero dizer, no país) nem cultivamos a terra: muito dificilmente poderão ganhar a vida a roubar antes de chegarem aos seis anos de idade – a não ser como cúmplices – , embora deva confessar que aprendem os rudimentos do ofício muito cedo. Porém, é um período durante o qual só podem ser considerados aprendizes, tal como me informou um cavalheiro importante do condado de Cavam,

que me garantiu nunca ter conhecido mais do que um ou dois casos abaixo de idade dos seis anos, mesmo numa parte do reino tão famosa pela mais rápida proficiência nessa arte (SWIFT, 2004, p. 2).

Frente à notória população de pobres, o narrador faz um panorama das vicissitudes dos infantes no reino inglês, entre muitos percalços e reveses. Abaixo dos seis anos de idade, havia a possibilidade de as crianças serem absolvidas na condição de aprendizes. Na passagem em que afirma ter buscado informações com um distinto cidadão irlandês, conclui sobre o total desconhecimento da condição dessas crianças. Em verdade, a questão vincula-se, também, à expectativa de vida no século XVIII, que era baixa e contava com inúmeros problemas de saúde pública a reduzir a população. Principalmente, os mais pobres eram vítimas das constantes epidemias de tifo, varíola e cólera, que solapavam as cidades do reino inglês (MAIA, 2011, p. 16).

Em uma leitura racional, o autor narra uma conversa com um comerciante, do qual ouviu que não seria vendável uma jovem garota antes dos doze anos. Ela não seria uma mercadoria rentável uma vez que o máximo que podem perceber no mercado é a soma de “três libras e meia coroa” (SWIFT, 2004, p. 2). Este investimento não compensaria aos pais ou mesmo ao Estado, pois o custo superaria em quatro vezes a soma aplicada na manutenção das condições de subsistência e formação.

A proposta “humilde” do narrador, apresentada sob a forma de uma ironia feroz, alude a um “sábio americano” conhecido em Londres, que assegurou a viabilidade de que a carne de bebê seja um prato saboroso; e faz o cálculo das 100.000 crianças pobres que seriam vendidas como carne para as mesas de “pessoas de bem”. O espetáculo dos filhos da “multidão de pedintes” daria, assim, um retorno pecuniário aos espectadores. Elas seriam saboreadas em espécie de sacrifício aos donos do poder, que devorariam as crianças numa atitude de dádiva, na forma de “sacrifício-alimento” (MAUSS, 2013, p. 9). A ironia da proposta do narrador inclui a preocupação não só com o cuidado de alimentar as crianças, mas, sobretudo, de encontrar meios para que elas não fossem uma carga aos pais ou à paróquia. As crianças figuram como mercadorias que proporcionam vantagens a toda sociedade. A proposta se apresentava, deste modo, como prevenção de abortos e infanticídios de filhos:

Portanto ofereço humildemente à consideração pública que, das cento e vinte mil crianças já computadas, se possam reservar vinte mil para criação. Desta parte, apenas um quarto deverá ser de machos – o que já é mais do que permitimos às ovelhas, ao gado bovino e ao suíno. A minha justificação é que estas crianças raramente são fruto do casamento, uma circunstância não muito considerada pelos nossos selvagens, pelo que um macho será suficiente para servir quatro fêmeas.

Desse modo, as restante cem mil, com um ano de idade, poderiam ser oferecidas para serem vendidas às pessoas de qualidade e fortuna reino afora – advertindo sempre a mãe para que as deixe mamar à vontade no último mês a fim de as tornar rechonchudas e gordas, dignas de uma boa mesa (SWIFT, 2004, p. 2-3)

A humildade do narrador, evidentemente, descreve uma atitude cômica, pois a proposta assume uma postura irônica. Incluídas no cálculo das pessoas tidas como descartáveis, segundo a lógica do mercado de animais, as crianças dos pobres deveriam ser alimentadas com intuito de torná-las “um prato razoável” para os ricos. A ideia do narrador é só confirmar a ânsia dos ricos em devorar parte dos pais



que tinham o direito sobre os filhos.<sup>1</sup> Outrossim, é relevante o tratamento conferido aos sujeitos pobres, “que são velhos, doentes ou mutilados” (SWIFT, 2004, p. 4). Não haveria necessidade de debates a respeito destes, que logo morreriam de frio, de fome ou doenças.

A sátira revela críticas veementes à sociedade da Irlanda do século XVIII. Inclusive quando o narrador faz o cálculo à luz das querelas religiosas entre católicos romanos e protestantes. A *Modesta Proposta* calcula como os mercados estariam abarrotados um ano após a Quaresma, pois o número de crianças pobres são de “pelo menos, três papistas para uma protestante – o que oferecerá ainda a vantagem colateral de reduzir o número de papistas entre nós” (SWIFT, 2004, p. 3). Swift interpreta os dados estatísticos relativos às crianças pobres fundamentado na relação religiosa entre católicos romanos e protestantes. Todavia, o conceito de papista interpõe uma visão vilipendiada dos sacerdotes da Igreja romana em seu país.

Ao ser designado Deão da Igreja *Saint Patrick*, em Dublin, Swift defendeu a posição política dos *Whigs*, vertente puritana que propunha uma árdua defesa do parlamento. Os *Tories* constituíam um agrupamento político que se expressava em defesa da Igreja Anglicana e da manutenção da estrutura monárquica. Este últimos, tinham a defesa da realeza e dos privilégios dos anglicanos como agenda política do Partido Conservador, enquanto os *Whigs* comportavam burocratas e pessoas vinculadas ao comércio londrino, que buscavam firmar a agenda do Partido Liberal na questão da liberdade religiosa.

Os *Tories* retomaram ao poder com a coroação da rainha Ana (1704-1714). Todavia, no reinado de Jorge I (1714-1729), os *Whigs* reassumiram o poder. Neste momento, Swift abandonou o espaço político. Destaca Christopher Hill (2012, p. 312): “Até mesmo Ana, apesar das suas predileções pessoais, algumas vezes teve de nomear bispos whig por insistência de seus ministros; ativistas Tory como Sacheverell e Swift nunca se tornaram bispos”. O ativismo do autor da *Modesta proposta* reitera a posição tory de combate ao papismo nos panfletos ousados que publicou.

A *Modesta Proposta* apresetava algumas vantagens evidentes. A primeira estava contida na ideia de reduzir “grandemente o número de papistas, com os quais estamos anualmente infestados, sendo estes os principais procriadores da nação bem como os nossos mais perigosos inimigos”(SWIFT, 2004, p. 5). Enérgico, Swift sustenta sua oposição ferrenha à presença de católicos romanos, figurados como signos de malignidade e contrários à monarquia. A segunda vantagem da proposta estava relacionada aos rendeiros pobres, que teriam na venda de sua prole um meio de saldar as dívidas frente aos seus senhorios, dívidas mormente adquiridas pela ganância dos donos de terras, que já haviam tomado o gado e os cereais. Há, ainda, uma terceira vantagem defendida pelo narrador: a manutenção de uma criança poderia ser revertida para a produção de manufatura. A quarta vantagem da proposta reside na possibilidade de os pais receberem oito xelins pela venda de cada criança e, assim, ficarem livres do sustento após o primeiro ano de vida. Já a quinta vantagem, baseia-se na conjectura de que a carne das

---

<sup>1</sup> A narrativa de Swift trouxe-me a referência à perspectiva da Necropolítica, descrita pelo filósofo e historiador Achille Mbembe. A ideia esboçada por Mbembe implicaria na definição de quem pode permanecer vivo ou deve morrer (Cf. MBEMBE, 2018, p. 5)..

crianças seria vendida como alimento nas tabernas, sendo uma iguaria destinada aos “cavalheiros finos”. Ao apresentar a sexta vantagem da proposta, o narrador expõe:

Isto seria um grande incentivo ao casamento, que todas as nações sábias pretendem encorajar seja com recompensas, seja obrigando-o com leis e penalidades. Aumentaria o cuidado e ternura das mães para com os seus filhos, pois ficariam seguras de terem arranjado um emprego para toda a vida para os pobres bebês e, de certa forma, serem providas pelo público para o seu ganho anual, em vez de terem despesas. Veríamos uma emulação honesta entre as mulheres casadas, sobre qual delas poderia produzir a criança mais gorda para o mercado. Os homens ficariam a gostar tanto das suas mulheres durante o tempo da gravidez como gostam agora das suas éguas prenhas, das vacas com crias, das porcas prontas a parir – nem se proporiam bater-lhes ou dar-lhes pontapés (como é prática tão frequente) com medo de um aborto (SWIFT, 2004, p. 5-6).

Todas as vantagens elencadas são relevantes na contingência de uma economia dinâmica e competitiva. Não obstante, a sátira descreve um cenário de escacez no qual os irlandeses estavam experimentando o aumento exponencial de desempregados e famintos. Apesar de ser satírica, a proposta de Swift inscreve imagens estéticas de desolação e desenraizamento das classes pobres que perambulavam por Dublin sem opções reais de manter o mínimo da condição humana (ARENDDT, 2014, p. 9).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Idade da Razão do século XVIII, em que apenas poetas enlouqueciam, foi conduzida para a ironia brutal de Mandeville e de Swift.

(CHRISTOPHER HILL)

As leituras de Jonathan Swift são prodigiosas em tratar o problema da humilhação de sua nação frente aos obstinados interesses de uma elite de mercadores ingleses. O historiador britânico Christopher Hill, neste sentido, faz um diagnóstico sensato a respeito do papel de Bernard Mandeville (2018), autor satírico holandês, que publicou *A fábula das abelhas: ou vícios privados, benefícios públicos* (1714), comparativamente com Swift. Os dois escritores pensaram a política a partir de uma retórica satírica, na qual os problemas são aludidos no refinamento da “ironia brutal”.

O projeto de Swift é uma metáfora das estratégias de dominação e humilhação das classes pobres irlandesas, no prelúdio do século XVIII. Apesar de brutal, a ideia central da *Modesta Proposta* é sugerir uma estratégia para diagnosticar os elementos políticos que alimentavam a condição de desumanidade dos pobres. Os personagens elencados por Swift estão associados, sem dúvida, à obstinação dos comerciantes de relacionar toda realidade da imagem da mercadoria racionalizada. Tudo pode ser vendido, inclusive no cenário dos cercamentos, que depõe contra uma classe de ricos que devora os pequenos proprietários. Sem condições de sobrevivência, estes camponeses são figuras esquálidas, a peregrinar nas ruas das cidades e nos campos.

Pierre Ansart argumentou que a humilhação é “uma das experiências de impotência” (2005, p. 15). Swift relata as diversas situações não só de impotência das mulheres e crianças pobres, mas também de sofrimento, revelado ao serem desrespeitadas. Isto é, a fome e a ausência de condições mínimas de subsistência resultam em vilipêndio do povo irlandês. O domínio imperial dos mercadores ingleses fundamenta a desvalorização infligida pela opressão dos poderosos do Reino e também pela sanha dos papistas. A esse respeito, Ansart discorre: “o povo vencido e dominado é degradado em seu orgulho coletivo, degradado em seu ser e em sua vontade” (ANSART, 2005, p. 15).

A sátira de Jonathan Swift desbrava um mosaico de expressões da humilhação dos pobres na Irlanda do século XVIII e evidencia as nuances de um autor atento aos diversos elementos de subjugação das pessoas empobrecidas, paulatinamente transformadas em mercadorias.

## REFERÊNCIAS

- ANSART, P. *A gestão das paixões políticas*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2019.
- ANSART, P. As humilhações políticas. In: Marson, I; e Naxara, M (org.) *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- BRESCIANI, M. S. A compaixão na política como virtude republicana. In: BREPOHL, M.; CAPRARO, A. M.; GARRAFFONI, R. S. (org.). *Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012.
- BRESCIANI, M. S. M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUTLER, J. [et al], *Filosofia Moral Britânica: textos do século XVIII*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- CALVINO, Ítalo. *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAREY, D. *Swift, Gulliver, and Human Nature*. In: BOLAIRE, F.; CAREY, D. (dir.). *Les voyages de Gulliver: Mondes lointains ou mondes proches* [en ligne]. Caen: Presses universitaires de Caen, 2002 (généré le 15 août 2023). Disponible sur Internet : <http://books.openedition.org/puc/367>.
- EAGLETON, T. *Como ler literatura: um convite*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- GEREMEK, B. *Os filhos de Caím: vagabundos e miseráveis na literatura europeia (1400-1700)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HAROCHE, C. *Da palavra ao gesto*. Campinas: Papyrus, 1998.
- HERSNT, Y. A melancolia. In: VIGARELLO, G. *História das emoções 1: da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- HILL, C. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- HILL, C. *O Século das Revoluções (1603-1714)*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.
- HOBBS, T. *Leviatã*. Organização de Richard Tuck. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HUNTER, P. The novel and social/cultural history. In: RICHETTI, J. (org.). *The Cambridge companion to The Eighteenth Century Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Trad. de Marsely de Marco Dantas. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- MAIA, L. de S. *Os descaminhos de Clarissa entre o campo e a cidade: o romance de Samuel Richardson e a sociedade inglesa do século XVIII*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- MANDEVILLE, B. *A fábula das abelhas: ou vícios privados, benefícios públicos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2018.
- MAUSS, M. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MOORE, S. D. *Swift, the Book, and the Irish Financial Revolution: Satire and Sovereignty in Colonial Ireland*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.
- RANCIÈRE, J. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ROSS, I. C. *Jonathan Swift (1667-1745)*. Disponível em: <http://www.tcd.ie/trinitywriters>. First published January 2016.
- SAID, E. W. *Humanismo e crítica democrática*. Companhia das Letras, 2004.
- SAID, E. W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- STONE, L. *Causas da Revolução Inglesa (1529-1642)*. Bauru: EDUSC, 2000.
- SWIFT, J. *Uma modesta proposta para prevenir que, na Irlanda, as crianças dos pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar benéficas para a República*. Tradução de Helena Barbas. Disponível em: [http://helenabarbas.net/traducoes/2004\\_Swift\\_Proposal\\_H\\_Barbas.pdf](http://helenabarbas.net/traducoes/2004_Swift_Proposal_H_Barbas.pdf) [Out.2004]
- WOOD, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Data de Submissão: 11/09/2023

Data de aprovação: 26/09/2023

Copyright (c) 2024 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)